

O PLATONISMO ENQUANTO REPETIÇÃO E A CONDENAÇÃO DA ESCRITURA SEGUNDO JACQUES DERRIDA

THE PLATONISM WHILE REPETITION AND THE CONDEMNATION OF SCRIPTURE BY JACQUES DERRIDA

Marcelo José Derzi Moraes*

RESUMO

Este artigo procura tratar principalmente duas questões: a escritura e a repetição. Dois temas clássicos da filosofia que, no viés da desconstrução, terão uma nova abordagem. A compreensão da escritura e da repetição no contexto derridiano confirma a sua preocupação com a alteridade, pois abre essas duas noções para o seu devir e para o acolhimento e a libertação do outro. Para explicarmos essas relações nos concentraremos no contexto platônico que é tratado por Jacques Derrida como momento inaugural da filosofia como *repetição*.

PALAVRAS-CHAVE: Repetição; escritura; desconstrução; alteridade

RÉSUMÉ

Cet article vise à répondre à deux questions principales: l'écriture et la répétition. Deux thèmes classiques de la philosophie, le biais de la déconstruction, auront une nouvelle approche. La compréhension de l'Écriture et de la répétition dans le contexte Derrida confirme sa préoccupation avec l'altérité, il ouvre ces deux notions pour son avenir et pour l'hôte et la libération de l'autre. Pour expliquer ces relations, nous nous concentrons sur le contexte platonique qui est géré par Jacques Derrida comme moment inaugural de la philosophie comme *répétition*.

Mots: La répétition; L'écriture; Déconstruction; L'altérité

* Mestre (PPGF/UFRJ), email: marcelojdmoraes@hotmail.com

Para pensar a repetição e a escritura Derrida parte de uma perspectiva da desconstrução, quer dizer, que ele não trabalha com ponto de origem e ponto de início. Já que, para o autor, essas duas características são sinônimos *de logocentrismo* e *de metafísica da presença*, ou seja, o privilégio do logos e da presença. Nesse sentido, a *repetição*, é um movimento sem origem, é um movimento originário em si mesmo e que, quando acontece, traz consigo o *mesmo* e o *novo*. Em outras palavras, a repetição quando acontece, traz o mesmo acontecimento e também, um *Acontecimento*, ou seja, aquilo que não era esperado, que não estava no projeto primeiro. Para Rafael Haddock-Lobo, ao ser repetida, o algo que se repetiu não é mais o mesmo algo antes de ser repetido. (...) Faz desaparecer a identidade a si da origem e, com isso, toda identidade a si, toda presença a si (2008. p.158). Uma *singular repetição* diz Fernanda Bernardo (1992. p.160). A *repetição*, portanto, é um quase-conceito ou um operador da desconstrução para Derrida, a estratégia para pensar e deslocar a estrutura filosófica.

Bastaria (...) notar que o que parece se inaugurar na literatura ocidental com Platão não deixará de se reeditar ao menos em Rousseau, depois em Saussure. Nesses três casos nessas três "épocas" da repetição do platonismo que nos dão um novo fio a seguir e a reconhecer outros nós na história da *philosophia* ou da *epistème*, a exclusão e o rebaixamento da escritura devem em alguma parte compor, na sua declaração mesma, com: 1 uma escritura geral, e nela com 2. uma "contradição": a proposição escrita do logocentrismo; a afirmação simultânea do estar-fora do fora e de sua intrusão nefasta no dentro; 3. a construção de uma obra "literária". (DERRIDA, 2005. p.113)

Nosso intuito aqui é apresentar o platonismo como momento inaugural da filosofia e que nesse momento, será, portanto, o primeiro momento clássico de exclusão e rebaixamento da escritura diante da voz, ou seja, do *logos*. Essa cena de violência direcionada à escritura, o seu rebaixamento, entretanto, se levado em conta a partir da ideia de repetição, irá se repetir, abrindo, por outro lado, a escritura para o seu porvir, ou seja, libertará a escritura para além da clausura do *logos*.

Optamos por apresentar Platão, mas poderíamos apresentar outras cenas de família como, por exemplo, Rousseau e Lévi-Strauss, momentos de repetição, em que cada momento aconteceu uma desconstrução em que, primeiro, um gesto se repetiu nele mesmo, mas trouxe consigo um novo acontecimento, algo que esses autores não esperavam. O "*platonismo*" é ao mesmo tempo a repetição geral desta cena de família e o esforço o mais

potente para dominá-la, para abafar seu ruído, para dissimulá-la baixando as cortinas na manhã do Ocidente. (DERRIDA, 2005. p.121).

A repetição enquanto estratégia da desconstrução provoca um abalo na estrutura metafísica. Esse abalo se dá pelo motivo de que a repetição não se deixa capturar pela lógica clássica e pelos procedimentos comuns da metafísica da presença e do logocentrismo: princípio de identidade; lógica da contradição; terceiro excluído. A repetição, portanto, atua sempre no entre, entre o dentro e o fora, entre o centro e as margens, trazendo consigo sempre algo de novo. Seja ele vindo do fora ou mesmo do dentro, a repetição faz ecoar a voz cavernosa do novo (DERRIDA, 1991).

A desapareição da face ou a estrutura de repetição não se deixam, pois, dominar pelo valor de verdade. A oposição do verdadeiro e do não-verdadeiro está, ao contrário, inteiramente compreendida, *inscrita* nessa estrutura ou nessa escritura geral. O verdadeiro e o não-verdadeiro são espécies da repetição. E só há repetição possível *no gráfico da suplementaridade*, acrescentando, na falta de uma unidade plena, uma outra unidade que vem supri-la, sendo ao mesmo tempo a mesma o bastante e outra o bastante para substituir acrescentando. Assim, por um lado, a repetição é isso sem o que não haveria verdade: a verdade do ente sob a forma inteligível da idealidade descobre no *eidos* o que pode se repetir, sendo o mesmo, o claro, o estável, o identificável em sua igualdade a si (...) Mas, por outro lado, a repetição é o próprio movimento da não-verdade: a presença do ente perde-se nele, dispersa-se, multiplica-se por mimemas, ícones, fantasmas, simulacros etc. Por fenômenos, desde então. E esta repetição é a possibilidade do devir sensível, a não-idealidade. Do lado da não-filosofia, da não-memória, da hipomnésia, da escritura. Aqui a tautologia é a saída sem retorno da vida fora de si. Repetição de morte. Despesa sem reserva. (...) Essas duas repetições se referem uma à outra segundo o gráfico da suplementaridade. Isso significa que não se pode mais "separá-las" uma da outra, pensá-las à parte uma da outra, "etiquetá-las", que não se pode na *farmácia* distinguir o remédio do veneno, o bem do mal, o verdadeiro do falso, o dentro do fora, o vital do mortal, o primeiro do segundo etc. (DERRIDA, 2005, p.122).

A repetição só é possível pensada fora do horizonte teleológico ou escatológico, rompendo com a autoridade da lógica da identidade e do conceito clássico de tempo, ou seja, pensar a partir da diferença e “*do tempo puro, da temporalização pura naquilo que a une*”, segundo Derrida, “*ao espaçamento: da periodicidade*”. E assim, “*só recurso à temporalidade e a uma temporalidade descontínua ou periódica*” (DERRIDA, 2009. p.190) permite pensarmos a noção de repetição de Derrida.

Nesse sentido, a questão da repetição, a partir da lógica desconstrutora, é considerar a cena de família que vai *de Sócrates a Freud e além*.

Portanto, o platonismo enquanto repetição será o alicerce que reproduz o pensamento ocidental filosófico e irá, todavia, comandar as cenas da escritura ao longo da história. E para produzirmos essa cena de família, essa cena de repetição, optamos por apresentar o rebaixamento da escritura que, sempre esteve subordinada a voz.

O pensamento filosófico então privilegiou o *logos*, a razão, como elemento verdadeiro, superior, portador da verdade e das verdades se prestando a ser um porto seguro para os desenvolvimentos posteriores nas áreas das ciências naturais e humanas e teve na voz, isto é, na *phoné*, seu principal representante, e a escritura, subordinada a servir a este elemento principal que é o *logos*. Segundo Dirce Solis em entrevista a *Revista Ensaaios Filosóficos*, a filosofia sempre atribuiu ao *Logos* o sentido originário da verdade e esclarece bem a questão sobre o que é o logocentrismo:

Logocentrismo, termo cunhado para apontar o predomínio do *logos* nas sociedades (razão, palavra falada e sua conseqüente apreensão pela escrita, lei da racionalidade de um modo geral). (...) Somos logocêntricos, na medida em que nossas produções são logocêntricas e possuem sentido apenas por serem logocêntricas. (SOLIS, 2010. p.76)

Esse edifício metafísico se petrificou numa forma estrutural que, mantendo as configurações clássicas, possibilitou que a desconstrução ao analisar os pares conceituais dicotômicos questionasse a hegemonia de um dos termos privilegiados (SOLIS, 2009. p.40).

Portanto, a escritura na história do Ocidente passou então a representar uma função secundária, se prestando a uma função instrumental. A escritura, a serviço da *phoné*, a serviço da fala plena e presente, passou a traduzir essa última. Ocupando uma função subalterna. A escritura, *técnica a serviço da linguagem, porta-voz (porte-parole), intérprete de uma fala originária*. (DERRIDA, 2008. p.9).

Para Derrida, a história do rebaixamento da escritura poderia ser considerada como tendo sua origem em Platão ou Sócrates, precisamente a partir do diálogo *Fedro* onde Sócrates condena a escritura como um mal. Platão foi um dos fundadores da filosofia, ou seja, da metafísica, mas também o primeiro a mandar a escritura passear para longe da *polis* junto com a metáfora, os mitos, os poetas, o simulacro e tudo aquilo representava uma ameaça à paz da *polis* cidade e da democracia.

A farmácia de Platão, livro que está inserido num outro livro, *La dissémination*, é uma obra fundamental de Derrida, pois é neste livro que o autor vai com mais violência apresentar a possibilidade do que ele chama de desconstrução. Neste livro surgem e se repetem terminologias que compõem seu pensamento e a estratégia da desconstrução. Aqui se apresentam as ideias ou os quase-conceitos de: jogo, repetição, *pharmakon*, texto, suplemento, *différance*, entre outros.

A construção estrutural a partir do discurso platônico tende a estremecer no momento em que Derrida reconhece em Platão o gesto que este passa a negar: o possível jogo de significações em que seus elementos textuais estão inseridos. Pois, a luxação que Derrida irá provocar, pensando a escritura aí deslocada, poderá direcionar o texto de Platão para novas abordagens que não mais a manteriam enclausurada, ou seja, a escritura não mais ocuparia o lugar subalterno determinado por Platão. Da mesma forma, o próprio *logos* não mais ocuparia seu lugar de privilégio.

Pode se constatar, tanto no *Fedro* quanto na *Republica*, e também nas *Leis*, a escritura passando pelo crivo da moralidade, já que os cidadãos gregos mais livres e poderosos diziam sentir vergonha de escrever: os bons cidadãos não escrevem, a escrita, é para as crianças. Lembremos Nietzsche, ao se referir ao mais decente ateniense: *Sócrates, aquele que não escreve* (DERRIDA, 2008. p.7).

No teatro platônico o que podemos encontrar é toda uma trama em que, por um lado, se rebaixa a escritura e, por outro, se privilegia a voz. O que Derrida pretende nos mostrar é que algo se opera por dentro dessas cenas que acabam por passar despercebidas e que seriam de vital importância para o jogo das significações em Platão.

Para adentrarmos no laboratório de Platão, ou para que seja possível manusear os elementos ali expostos, será preciso considerar o contexto da desconstrução e o diálogo *Fedro* que é, tradicionalmente, visto como uma obra da juventude de Platão e que, segundo alguns críticos clássicos, traria muitos equívocos por parte do autor. Porém, é visto por Derrida como uma obra riquíssima, extremamente complexa e obscura, carregando consigo muitos elementos que necessitariam ser aprofundados e pensados, pois, são carregados em si por muitas camadas textuais que nos permitem abri-los para múltiplas interpretações e diversos modos de usos.

Os elementos presentes na farmácia platônica estão dispostos numa configuração estrutural construída com bases superiores e inferiores, hierarquizadas de formas opositivas e binárias, distanciadas e centralizadas, privilegiadas e subordinadas, tendo, portanto, uma arquitetura edificada, aparentemente muito segura em sua formação, porém, veremos que, ao considerar o jogo dos elementos presentes nessa estrutura, a partir da desconstrução, esse jogo tem novas regras e novos modos de se movimentar. Confirmando, deste modo, a lei geral da estrutura metafísica que procura sempre buscar a seguridade e a organização de sua estrutura.

Mas entremos na farmácia. A última parte do *Fedro* trata exatamente do tema da escritura. Na parte 274-B podemos constatar, pela escrita de Platão ou pela voz de Sócrates, a origem e a história da escritura. Nessa passagem, Sócrates narra um mito e, neste mito, o filósofo ateniense recorre a uma história segundo a tradição dos antigos que, de acordo com Sócrates, são os que saberiam da verdade, que havia próximo de Nauhatís um deus cujo símbolo seria uma ave (*íbis*). Um certo dia, esse deus que se chamava Theut procurou o Rei-Deus do Egito, Thamous.

Theut era um deus subalterno, um semi-deus, um tecnocrata da sociedade egípcia, um secretário, além de ser um inventor e, nessa visita ao Rei-Deus Thamous, Theut lhe trouxera uma boa nova: a *escritura*. O deus subalterno e inventor acreditava trazer uma solução para os cidadãos egípcios e para o rei: a escritura seria um *pharmakon*, ou seja, segundo as traduções clássicas: um remédio. Remédio que ajudaria no problema da memória e na sabedoria do povo egípcio.

No entanto, o rei não viu com bons olhos a novidade trazida por Theut. De acordo com o rei, essa novidade traria o contrário do que o deus inventor pretendia. Segundo o Rei Thamous, a escritura promoveria o esquecimento e uma falsa aparência de conhecimento, a escritura nesse sentido seria um perigo. O rei Thamous dispensa a invenção do deus Theut, já que, para o Rei-Deus não é necessário o uso da escritura, pois sua voz, ou seja, seu *logos*, penetra com mais eficácia as almas de seus súditos. O *logos* do rei-deus tem uma força em si. Thamous condena a solução trazida por Theut como um *pharmakon*, nesse momento traduzido por veneno (PLATÃO, 274c-275b).

A partir deste texto, Derrida desmancha, ou melhor, desconstrói a textura do diálogo *Fedro*, abrindo-o para múltiplas possibilidades de leitura e de jogo. O filósofo magrebino já

inicia a sua farmácia lançando, por exemplo, uma problemática acerca da tradução de uma palavra específica no texto de Platão que vai abrir e desestabilizar toda a base do texto de Platão para um novo jogo e para novos sentidos do *pharmakon*.

Nas traduções clássicas da palavra *pharmakon* é sabido que, literalmente, o termo grego possui tanto a acepção de medicamento como de veneno, traduzindo-se normalmente por “droga”. (HADDOCK-LOBO, 2008. p.250). Confirmando essa postura, Spivak comenta no prefácio da edição americana da *Gramatologia*: O *pharmakon* é uma palavra grega que inclui entre os seus significados veneno, medicina, poção mágica. É uma palavra usada para descrever a escrita no *Fedro* de Platão (SPIVAK, 1997. p.73.): O *pharmakon*, que pode ser traduzido por remédio ou veneno, mas também cosmético, será tomado por Derrida como palavra estratégica.

Há no mito de Theut, segundo Derrida, a reprodução geral de uma estrutura que domina a sociedade grega e que será a marca do ocidente, cabendo ressaltar que Fedro desconfiava que o mito narrado por Sócrates fosse uma invenção do autor. Essa estrutura apresenta-se com seus elementos e suas posições estabelecidas de forma hierárquica, tal como já vimos anteriormente, a característica da metafísica da presença, ou seja, a estrutura do pensamento filosófico ocidental.

Ao lermos o mito de Theut, logo de início percebemos a relação de força e a hierarquia presente em seus dois principais personagens. Thamous, o rei-deus-sol da fala, do *logos*, que não necessita da escrita, pois sua voz tem uma eficácia natural. Do outro lado, numa esfera inferior, subordinado, Theut, o deus subalterno da escrita que está a serviço do rei-deus. Um semi-deus subordinado ao gosto, as preferências e principalmente à aprovação do seu senhor. A cena confirma assim a autoridade do pai que, mesmo ao se mostrar incapaz de escrever, mantém o seu lugar e a sua posição superior (DERRIDA, 2005. p.50).

Nesse enredo percebemos um primeiro momento de exclusão da escritura passando a ser negada, desvalorizada e por último considerada como um mal, um veneno. Porém, uma outra cena no *Fedro* produz um discurso contra a escritura quando Sócrates observa Fedro em atitude suspeita, pois esse parece carregar algo escondido. Sócrates pergunta o que Fedro esconde em baixo dos panos, ao que ele responde: são papiros com escritos de Lísias. Os dois discutem então, sobre a retórica, a escritura e a voz, conduzindo o diálogo para alertar do perigo e da insuficiência da escritura até o momento em que, Sócrates se dá

conta de que já estava fora dos limites da cidade. A escritura o conduziu para fora da cidade. A escritura, uma fora-da-lei, teria o caráter de desviar do caminho natural, de levar um bom cidadão para fora de sua cidade. A escritura: a errante. (HADDOCK-LOBO, 2008. p. 251).

É por esses motivos e outros que Sócrates condena as folhas escritas carregadas por Fedro. Pois essas usam da artimanha da promessa para seduzir. (DERRIDA, 2005. p.14). Sendo assim, a escritura seria aquele elemento marginal, perigoso, que pode conduzir os homens ao erro, a errância, pois, desviando o homem do seu curso normal e natural, passa a ser, portanto inimiga da vida (DERRIDA, 2005. p.15).

Derrida herda a palavra *pharmakon* abrindo essa expressão ao seu devir, passando a ter uma função estratégica para Derrida, usando-o como um operador desconstrutor (DERRIDA, 2005. p.14). Essa se torna o seu quase-conceito e, provida de um caráter desconstrutor devido a sua indecidibilidade (HADDOCK-LOBO, 2008. p.244).

O rei-deus Thamus condena a escritura como possuidora de um caráter *pharmatico*, ou seja, Thamus considera a escritura um veneno. Essa postura de Thamus marca a sentença de juízo de valor atribuída pelo rei-deus. Esse valor atribuído à escritura será assumido por Sócrates para confirmar a sua tese: a escritura um mal.

Para Platão a escritura é um mal devido ao seu caráter de simulacro. Segundo ele, a escritura é da ordem da encenação, pois ela tem somente a função de repetir e ao repetir, repete sem força. A escritura carrega a morte, a escritura é morta.

Nesse sentido, a escritura com seu caráter cadavérico, carrega o morto, não tendo, todavia a força do *logos*, visto que o *logos* traz em si a vida. Sendo assim, a voz seria mais potente, mais segura do que a escritura.

O *logos* segundo essa tradição grega, de Platão, Sócrates, Aristóteles, Górgias, Protágoras, recebe, uma valorização representativa, ao considerá-lo mais vivo, o que penetraria mais facilmente na alma. Essa tradição considera a voz um ser vivo (*zoon*), com riqueza e vigor, agilidade e flexibilidade, tal como um organismo engendrado que traz consigo a força da presença plena. O *logos* traz o discurso vivo, do bem-nascido, o *logos* é a lei, lembra Derrida (DERRIDA, 2005. p.72).

Para esses filósofos e sofistas, ao contrário da escritura que seria uma técnica enfraquecida, o *logos* seria mais sofisticado e de melhor manuseio. Tendo a escritura um elemento fraco, que não teria a mesma potência do *logos* (DERRIDA, 2005. p.60).

O que Derrida vem nos apresentando em todo esse enredo é a estrutura que se forma a partir das sentenças atribuídas à escritura por parte de Platão e de outros, condenando-a como um elemento carregado de atributos negativos. Platão força a escritura a ocupar uma posição subalterna dentro de uma cadeia estrutural que a manterá condenada ao longo da história, a perecer, vagar como um fantasma, um simulacro, um espectro, um veneno, a morte, o erro, a repetição, a falta de memória, a fraqueza, a impotência, o morto, o falso, um mau rapaz que, marginalizado, vadio, se torna um filho miserável, parricida e fora-da-lei. Marca-se, dessa forma, na escritura, o seu caráter de não-presença, de uma técnica ruim, de uma não-identidade, de uma dissimuladora, de algo que vem de fora. A escritura: o estrangeiro (DERRIDA, 2005. p.96).

Entretanto, na perspectiva da desconstrução que não trabalha com hierarquia e juízo de valor, essas atribuições dadas à escritura não são vistas como negativas, tal como foi adotado pela posteridade. Essas, ao contrário, marcam o caráter indecível, possibilitando a movimentação entre o dentro e o fora, caminhando sempre no entre.

Derrida aponta que o texto de Platão não se fecha nem muito menos se esgota. É a partir da impressão de que o texto se fecha no texto que na verdade este se abre para o jogo e, segundo Derrida, Platão não percebeu a desconstrução que se dava em seu texto.

Pois, depois de instaurar uma aporia e enclausurar e condenar a escritura privilegiando o *logos*, Platão não percebeu que criava uma nova força que, aos olhos de Derrida, possibilitaria uma nova forma de pensar a escritura. O que possibilitou que, às margens da história, a escritura viesse se corrompendo, mas também criando, nas margens ou nos limites da filosofia, linhas de fuga para o pensamento.

Derrida nos mostra, em *A Farmácia*, que Platão tentou intencionalmente ou não, escamotear, esconder ou deixar passar em branco o *porvir* do seu texto (DERRIDA, 2005. p.79). Exumando progressivamente a cadeia de significações e as aberturas desprezadas por Platão, aparentemente fechada, firme e concisa em sua estrutura, mas há, adverte Derrida, uma cadeia oculta (DERRIDA, 2005. p.78).

O que Derrida afirma é que a escritura, a partir da abordagem desconstrutora, é um *logos* e o *logos*, uma escritura. A escritura com seu caráter de não origem, de não-identidade, não-presença é, portanto, possuidora de uma força extraordinária.

O trabalho elaborado por Derrida é espetacular pois, apostando alto no jogo de Platão, ele o desarticula e nos diz que também o *logos*, ou seja, a voz, pode ser visto como sendo da mesma ordem da escritura, isto é, como *pharmakon*.

Para Derrida, se é possível pensar uma escritura ambivalente, boa e má ao mesmo tempo, pode-se pensar também num bom e mal *logos*, isso se considerar e levar em conta, a palavra, ou seja, *logos* eficaz de Sócrates, que penetra e manipula o outro, seguido da condenação feita por este ao *logos* sofístico, ou seja, aos sofistas, o *logos* passaria então, a ser da ordem do *pharmakon*. O que Derrida quer dizer é que poderia haver um *logos* bom e um *logos* mau tal como a escritura. Nesse sentido, Derrida mostra que uma desconstrução ocorre constantemente no texto de Platão sem que este se dê conta, tal como no momento de usar a palavra *pharmakon* para definir a escritura.

A escritura enquanto *pharmakon* desconstrutor, que sempre esteve presente na história da filosofia no *modo* espectral, está para além das significações e das atribuições de valor e livre de receber atributos morais, ou seja, a escritura enquanto *pharmakon* escapa ao crivo dos valores de bem ou mal, certo ou errado, verdadeiro ou falso, melhor ou pior. O *phármakon* é o movimento, o lugar e o jogo (a produção de) a diferença. (DERRIDA, 2005. p.74)

Por este motivo, o *pharmakon* escaparia à metafísica da presença, abalando dessa forma o edifício estrutural da farmácia platônica e possuindo o caráter de outros operadores da desconstrução, como observa Spivak no prefácio da *Gramatologia* da edição americana (SPIVAK, 1997. p.78).

Esses operadores da desconstrução mostram a *base sem base* do edifício metafísico, mostram-nos que o chão da metafísica é mais movediço do que concreto, que são fundadas em bases inseguras. Esses operadores desestabilizam as oposições e as hierarquias presentes no modo ocidental de pensar. No texto a *Mulher, Verdade e Indecidibilidade*, Carla Rodrigues a respeito desse aspecto da indecidibilidade apresentando-nos esses operadores como um novo lugar do pensamento que não nos lança no cinza o que seria apenas um novo lugar:

mas nos inúmeros matizes que existem entre o preto e o branco, em um deslocamento permanente que obriga a cada vez a nova tomada de posições, que interpela a cada outro. (...) Com os indecíveis, Derrida está problematizando as suposições da metafísica, nos lançando no jogo entre o que não é nem falso nem verdadeiro. (DUQUE-ESTRADA, 2008, p. 102)

E por fim, enfatiza Rafael Haddock-Lobo, tal como um martelo que golpeia o tímpano, provocando desta forma ressonâncias: O *pharmakon* é aquilo que pode golpear a metafísica, um golpe baixo mesmo que vem para mostrar sua contaminação, um golpe como uma virose, que faz com que a alegria metafísica – *a exclusão da alteridade (...) Os golpes como os de alguém que bate a porta (...) e acorda Platão de seu sono metafísico.* (HADDOCK-LOBO, 2008, p.257).

Esse movimento é o mesmo processo desconstrutor que inverterá a cena de família no *Cartão Postal* e que abalará a ordem estrutural da filosofia ocidental, isto é, a sentença se inverte e passa a ser: *Sócrates, aquele que escreve.*

A operação desconstrutora apresentada acima chega a abalar a estrutura física de Derrida é narrada por ele em *O cartão postal*. Essa boa nova chega como uma peste apocalíptica, da qual, com muita dificuldade Derrida irá se recuperar. Platão, portanto, passa a dar as ordens a Sócrates, para que este escreva. Sócrates, o secretário de Platão.

Fiquei imobilizado, com o sentimento da alucinação (ele é louco? Ele errou os nomes!), e ao mesmo tempo de uma revelação apocalíptica: Sócrates escrevendo, escrevendo diante de Platão, (...) o revelador está aqui, a menos que eu não saiba ainda decifrar nada desta imagem, e é, com efeito, o mais provável. Sócrates, aquele que escreve – sentado, curvado, escriba, ou copista dócil, o secretário de Platão, digamos assim. Ele encontra-se diante de Platão, não, Platão está atrás dele, menor (por que menor?), mas de pé. Com o dedo estendido, parece indicar, designar, mostrar a via ou dar uma ordem – ou ditar, autoritário, magistral, imperioso. Malvado quase, você não acha, e voluntariamente. (...) Sócrates e Platão (...) minha pequena apocalipse de biblioteca. (...) ainda não me restabeleci desta catástrofe reveladora: Platão atrás de Sócrates. Atrás ele sempre esteve, achava-se, mas não desta maneira. Eu sempre soube, eles também, eles dois, quero dizer: Que casal. Sócrates vira as costas para Platão, que fez o que ele próprio queria, fingindo que recebia isto dele (DERRIDA, 2007, p.18).

Podemos entender porque a escritura teve na Grécia o primeiro momento de seu rebaixamento e, assim, compreender porque este se repetiu no decorrer dos séculos, mantendo a escritura no mesmo lugar, ou seja, na mesma posição subalterna, confirmando a

tese que *a escritura deve tornar-se novamente o que ela nunca deveria ter deixado de ser: um acessório, um acidente, um excedente* (DERRIDA, 2005, p.77).

Deste modo, configurou-se o que Derrida denomina logocentrismo, o logos centrado no pensamento filosófico, mas que, estará sempre ameaçado pela força da escritura. Sendo assim, essa cena da escritura, a cena da repetição que abala e desloca a estrutura filosófica, seria uma nova possibilidade de *pensar um pensamento* desviante e que não esteja mais subordinado ao *logos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. ***A Farmácia de Platão***. Trad.: Rogério da Costa. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. ***O Cartão Postal: De Sócrates a Freud e além***. Trad.: Ana Valéria Lessa e Simone Pereleson. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. ***Posições***. Trad.: Maria Margarida Correia. Lisboa: Plátano Editora, 1975.

DERRIDA, Jacques. ***Margens da Filosofia***. Trad.: Joaquim Torres Costa. São Paulo: Editora Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. ***Gramatologia***. Trad.: Miriam Shneiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. *A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir*. In: ***Revista Filosófica de Coimbra*** - n.º 22. Coimbra, 2002.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Organizador). ***As Margens: A Propósito de Derrida***. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, São Paulo: Editora Loyola, 2004.

HADDOCK-LOBO, Rafael. ***Derrida e o Labirinto de Inscrições***. Porto Alegre: Editora Zouk 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Preface to Of Grammatology*. In: DERRIDA, Jacques. ***Of Grammatology***. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. ***Arquitetura da desconstrução e desconstrução em arquitetura***. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2009.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Entrevista a revista ***Ensaio Filosóficos***. Nº: 1. 2010.